



Director literario:

*Arquibaldo*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*Edwardo*  
PAPUSSE

## Era uma vez um ratinho...



Era uma vez um ratinho  
Que vivia numa aldeia,  
E tinha o seu pé de meia  
Por detrás dum buraquinho.



Vendo um dia, uma ratinha,  
Formozinha, a seu contento,  
Foi propôr-lhe casamento  
E mostrar-lhe os bens que tinha.



Nisto, porém, (coisa feia!)  
Um seu rival, bem velhaco,  
Foi sorrateiro ao buraco  
E levou-lhe o pé de meia.



Mas ao fugir, quási em vôo,  
Dos noivos surgindo ao fundo,  
Um Rinhanháu furibundo,  
Saltal-he em cima e... papou-o!



Então, ratinha e ratinho  
A tempo apanhando o roubo,  
Eis noivando em doce arroubo,  
Dentro do seu buraquinho!



Meninos! vêde a lição!...  
«O que nosso tem de ser  
A' mão nos há-de vir ter!»  
Lá diz o velho rifão.



# O LAGO DA VIRTUDE

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



**S**OFIA, a Sempre-Linda, morava naquela casinha dum só pavimento, situada à beira do lago dos cisnes. E' tão linda a Sofia! Os seus olhos grandes e negros, tão brilhantes como diamantes, seus fartos e negros cabelos, a caírem-lhe sôbre as curvaturas do seu corpo, davam-lhe a graça, a frescura dos anjos de Nossa Senhora.

As suas faces, dois gomos de romã, quando sorria mostrava duas fieiras de pérolas que eram os seus dentes brancos de neve, a bailarem na sua boquinha tão rosada, tão fresca como a água da fonte dos passarinhos. Era lindo vê-la a saltitar em volta do lago grande.

Os cisnes, assim que Sofia abria a porta que dá para o jardim, nadavam velozmente ao seu encontro, porque, era certo, lá estava ela, com seus bolinhos e miolo de pão. Sofia era a bondade em pessoa, e, por isso, todos a estimavam. Era a vida de seus papás e a alegria dos pequenos pastores, de quem ela muito gostava por lhe fazerem a vontade de não baterem nas ovelhinhas.

A Sofia dos Lagos, sabia que era bonita mas era despretenciosa, ao contrário das algumas suas amigas que, apesar de não se parecerem em formosura e bondade com aquela a quem chamavam (a Sempre-Linda), eram pretenciosas e cheias de vaidade.

Ora, meus meninos, naquele tempo em que Sofia era pequenita, corria uma lenda sobre a fonte dos passarinhos. Esta fonte era, e ainda hoje é, uma linda fonte. Está situada a dois passos da casinha de Sofia.

A lenda dizia que a fonte, numa noite de lindo luar, cantou para os pequenos pastores ouvirem. E devia ter sido certo porque eles, lá no monte, cantavam versos tão lindos e ninguém conhecia a sua autoria!

Dizia-se, também, que os pastorinhos eram lindos, porque a água da tal fonte lhes deu a formosura. Quem fosse pretencioso, cheio de vaidade, também se dizia que, se bebêsse água da fonte, ficaria logo a pessoa mais feia, que metia horror. Assim sucedeu.

Um dia, uma amiga de Sofia, daquelas tais pretenciosas e cheias de vaidade, passou pela fonte, bebeu água e logo ficou feia que metia horror! Esta pequena, da qual me não lembro agora o nome, era tão tola que constantemente se via ao espelho a compôr os bandós e a pintar os lábios com carmim ou qualquer coisa assim. Depois que bebeu a água na fonte, quando se viu ao espelho, ficou horrorizada por se vêr assim tão feia, exclamando:

—Meu Deus, meu Deus! E eu que sabia que a água me podia fazer mal! E' o castigo da vaidade! E' certo, eu sou

muito vaidosa, mas não tenho, me parece, outro defeito, e, tão grande castigo não o merecia!

E chorou a sua desgraça. (Seria assim condenada por toda a vida?! Ou temporariamente?! E' o que adiante se verá).

Sofia (a Sempre-Linda), assim que soube o que acontecera à sua amiga, foi visitá-la, para a consolar na sua desventura.

—Não chores, amiguinha, Deus há-de dar-te, outra vez, as tuas primitivas feições.

—Oh! minha boa Sofia, como tu és linda! Quem me dera ser como tu, assim bonita! E afagava o rosto de Sofia, o rosto húmido das lágrimas que os seus lindos olhos não puderam suster, quando a sua amiga se lamentava.

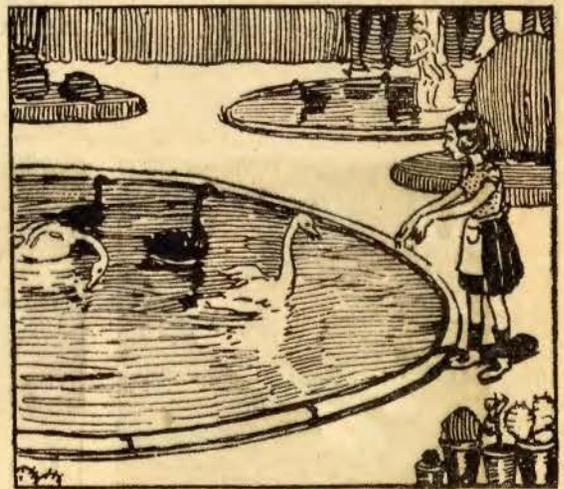
—Tu choras, Sofia?

—Por te ver chorar, minha amiga.

—Reconheço a tua amisade, tu não sabes querer mal a pessoa alguma. Hás de ser a rainha da formosura, já que és a rainha da bondade!

—Não digas isso, pequena. Eu faço o que posso, para agradar a Deus e a meus pais, e tu, sê boa, que os anjos bons não te desamparam; quem sabe? Talvez ainda, e muito em breve, tu voltes a ser bonita como dantes!

—Deus te oiça, linda Sofia.



—Tu já sabes uma coisa? Os pequenos pastores são todos lindos, pois não são?

—Lindos como tu, Sofia!

—Pois diz a lenda da fonte, que os pastorinhos são assim tão lindos porque só bebem da sua água.

—Não é verdade, Sofia, eu e nós todos da minha família, só bebemos água da fonte dos passarinhos e a respeito de formosura é como tu vês. E começou a chorar, coitadinha.

—Pois sim, voltou Sofia. A lenda diz que, assim como dá formosura aos partorzinhos, também a tira a quem for vaidoso, tolo, e pretencioso.



—Mas porque dá formosura só aos pequenos pastores?  
—Não sei. Mas eu hei-de falar com o pastorzito mais pequenito.

Aquele boa e linda menina deixou a sua amiga entregue aos mais tristes pensamentos e banhada em lágrimas quentes da febre que a não deixava.

Quando Sofia passava junto à fonte, olhou a água pura de cristal e quedou-se a contemplá-la.

—E se eu fosse beber? Que me aconteceria? Mal?! Bem?! Nisto, ouviu uma voz:

—Entre, menina Sofia.

Ela olhou e não viu ninguém. Mas aquela voz era muito sua conhecida. De repente, por detrás dum feto arbóreo, surgiu a cabecita do pastorzito mais pequenito.

—Ah! É's tu, Joãozito? Lá me queria parecer que era a tua voz,

—Entre, menina Sofia.

—Pronto, cá estou. Vem cá também Joãozito, que eu quero ver-te mais perto e ouvir bater o teu coração.

O pequeno pastor entrou na fonte e foi sentar-se ao pé de Sofia que o contemplava com o olhar meigo dos seus doces anos.

—Dize-me, Joãozito, já deste nome às duas ovelhinhas que nasceram no monte, outro dia?

—Ainda não, menina Sofia. Os outros pastores queriam convidá-la para madrinha.

—Pois sim, eu aceito. Olha, Joãozito, sabes o que aconteceu a uma das minhas amigas?

—Não sei nada!

—Bebeu desta água e ficou feia, coitadinha. Tenho tanta pena dela! Chora tanto, que causa dó a quem a ouve. Tu não tens pena?

—Como não hei-de ter pena, se a menina Sofia, assim, a contar, me faz chorar!... (E o pequeno tirou o lenço do bolso e enxugou os olhos). Pois não sabe, menina Sofia?... A sua amiga era muito tola, cheia de vaidade. E a água desta fonte, não perdôa às raparigas vaidosas. Ora veja como a menina é linda! E é linda porque não é vaidosa. Vós sois, até, o símbolo da simplicidade!

—Como sabes, que eu sou bonita, e não sou vaidosa?

—Ora essa, menina Sofia! Então nós não vemos os seus olhos? A sua boca tão pequenina? Os seus cabelos lindos? Tudo isto, não faz um palmito de cara bonita?

—Não digas tolices, Joãozito!

—Nós até sabemos o tamanho do seu coração! É assim deste tamanho. E mediu, no seu bordão, um palmo e meio.

—Dize-me lá, Joãozito, porque é que todos os pastores, cá do sítio, são bonitos?

—É' porque, menina Sofia, bebem água desta fonte.

—Conheço tanta gente que bebe água desta fonte e não se faz bonita como tu!

—É' porque não a sabe beber!

—Muito me contas, pequenito!

—É' como lhe digo. Por exemplo, a menina já a soube beber.

—Eu?!

—Sim, não se lembra? Foi há tempo.

—Há tempo?!

—Tinha a menina três anos, quando um pastorzinho lhe deu água a beber por um pucarinho, bem feitinho, feito de pau de sabugueiro.

—Como querias que me lembrasse, se eu só tinha três anos de idade? Mas ouve, Joãozito: pelo que me contas, só são bonitas as pessoas que vocês querem.

—É' assim mesmo, menina Sofia. A água só dá o resultado desejado bebida por um pucarinho bem feitinho, feito de pau de sabugueiro.

—Então, Joãozito, dize-me onde compraste o teu pucarinho, que quero lá ir comprar um, também.

—O meu pucarinho fui eu que o fiz e é o mais bonfêinho, toda a gente diz.

—Os pucarinhos feitos por outras pessoas não dão resultado?

—Só nós, os pastores pequenitos, temos esse condão. A água só dá formosura dada a beber pela nossa mão. Quando a menina tinha três anos, bebeu água desta fonte por um destes pucarinhos e pela mão de meu irmão. E, menina Sofia, só uma menina tinha tido esse privilégio?

—E quem foi?

—Uma filha do João Caçador. Essa ficou, também, muito linda. Parecia mesmo um amor!

Sofia, a Sempre-Linda, pediu muito ao pastorzito pequenito, para dar a beber, pelo seu pucarinho, água da fonte dos passarinhos à sua amiguinha que tinha ficado feia por



ser muito vaidosa. O pastorzito fez-lhe a vontade. No outro dia, Sofia levou a sua amiga à fonte dos passarinhos e o Joãozito deu-lhe água a beber pelo seu pucarinho feito de pau de sabugueiro, e logo ficou linda, mais do que era, antes de beber a água pela primeira vez. Prometeu a amiga de Sofia nunca mais ser vaidosa, e, com medo, nunca mais bebeu água daquela fonte.

(Continua na 6.ª pag.)

# A PASTORA E O LOBO

Por PEDRO de MENESES

Desenhos de EUARDO MALTA



**S**OBRE as montanhas, um pouco escondida entre alguns pinheiros mais altos, erguia-se uma choupana.

Coberta de colmo, com paredes de madeira por pintar e as janelas tapadas apenas por alguns panos remendados, ninguém diria que ali se abrigava a mais linda pastorinha dos arredores, que vivia acompanhada de sua avó, uma velha de cabelos brancos, de cara alongada e seca como uma

fôlha de papel amarelado pelo tempo e com alguns dentes enegrecidos pelos anos. Os pais morreram, segundo lhe tinha dito, logo que ela nascêra. Não os tinha conhecido. A pastorinha lá andava contente, buscando, de pinhal em pinhal, a caruma para acender o lume ou acompanhada do seu rebanho de ovelhas a caminho da pastagem que ainda ficava distante. As vezes cantava. E quando assim sucedia, os écos repetiam baixinho para a não interromperem, as suas serenas canções. Era pobre, muito pobre mesmo, mas vivia na maior das felicidades. Um dia, porém, entrou na choupana a chorar. Tinha-lhe desaparecido uma ovelha, precisamente aquela que mais estimava, porque não só era a mais bonita de todas, como também era aquela que nunca a abandonava. A avó animou-a dizendo-lhe que não se preocupasse, que criariam outra para a substituir e que talvez o lobo, um vizinho que ficava próximo e que era muito mau, lha tivesse roubado.

— «Mesmo que o encontres — continuou a avó — não

lho perguntes, porque ele é capaz de te devorar também. Acautela-te. E' um malvado!».

Apesar de tudo a pastorinha não estava sossegada. Mais inquieta ficou quando, no dia seguinte e depois no outro, lhe faltaram mais duas ovelhas.

Cada vez mais aflita, não querendo dizer nada à sua velha companheira para a não incomodar, resolveu, logo que veio a noite e tudo estava tranqüilo, procurar a causa do desaparecimento das suas ovelhinhas. Não se importando com o que a avó lhe recomendara dias antes, dirigiu-se para o lado onde vivia o lobo. Seniado nas patas trazeiras, com as orelhas erguidas, de olhar sereno, corpulento, o lobo vigiava o caminho pelo qual a pastora se aproximava. Vários caçadores sabendo da sua presença naquele bosque, tinham, por várias vezes, tentado abatê-lo. Nunca o conseguiram encontrar, porque ele parecia sumir-se como o vento. A pastorinha tinha-o visto algumas vezes. Respeitava-o, mas não lhe tinha medo apesar do que lhe dissera a avó. Por isso, afoitamente, o procurou. Ao aproximar-se d'ele, o lobo levantou-se. Ela falou-lhe entre soluços.

— «Que tens, linda pastorinha, que tão triste vens e a tão altas horas e só me procuras neste bosque abandonado?».

Ela, chorando sempre, respondeu-lhe:

— «Ai, Senhor lobo, que grande desgraça a minha! Nestes últimos três dias desapareceram-me três ovelhas e se a minha avó a sabe, tão velha como é, tenho medo que endoieça de pesar».

E caiu de joelhos, implorando:

— «Senhor lobo, tenha pena de mim e dela. Se me levou as ovelhas e ainda as não devorou, restitua-mas, quando não eu fujo para nunca mais voltar».

O lobo, dizendo-lhe que se levantasse, falou-lhe assim:





— «Não fui eu quem tas levou, pastorinha, juro-to, porque a ti eu não quero nunca fazer chorar, mas descansa que dentro de outros três dias, verás de novo as tuas ovelhitas. Não chores, confia em mim».

Agradeceu a pastora as boas palavras do lobo e, mais satisfeita, partiu para a choupana, onde entrou sem ser presentida, adormecendo pouco depois para sonhar com o rebanho.

Ao fim do terceiro dia, quando já regressava a casa, desanimada, sem lhe terem aparecido as desejadas ovelhas, a meio do caminho, encontrou o seu amigo lobo, para o qual correu impaciente e na ânsia de poder saber notícias.

— «Sossega, — lhe disse ele — já as encontrei e já sei também quem foi que tas levou. Não tas pude trazer comigo porque é preciso que, primeiro, amanhã muito cedo, ainda o sol venha longe para que te não veja, saias da tua choupana, vás junto daquele penêdo que fica no cimo da montanha e semeies linho sobre ele. Essa semente é a que tem a tua avózinha guardada numa caixa de ferro que está detrás da porta da cosinha. Vires o que vires, oiças o que ouvires, nem te assustes; nem te espantes, nem te retires do lugar. Espera!».

Dito isto, o lobo desapareceu numa vertiginosa corrida pelo caminho que descia a encosta. A pastorinha fez o que lhe ensinaram. Tirou as sementes da caixa que a avó guardava detrás da porta da cosinha, saiu muito cedo, ainda era noite, e foi semear o linho sobre o penêdo indicado. Caso extraordinário, o linho nasceu imediatamente. O penêdo transformou-se num tear que o teceu e apareceram duas mãos, dum corpo que a pastora não conseguiu ver, que lhe entregaram um lençol. Nesse momento, amanhecia. Quando se voltou, viu junto de si, o lobo. O tear voltara de novo a ser o penêdo da montanha. O lobo disse-lhe então:

— «Agora, pastorinha, quando a tua avó estiver a dormir, cobre-a com o lençol que te entregaram e deita-te. Depois saberás o que se vai passar. Eu te procurarei, então».

Quando a noite veio e logo que viu a avó adormecida, pé ante pé, para que não acordasse, a pastorinha lançou

sobre a velha o lençol que lhe tinham dado as mãos misteriosas e foi-se deitar. Ao acordar, de manhã, encontrou-se num admirável quarto e numa cama esplêndida. Saiu e encontrou na casa ao lado, um homem e três mulheres, que, chorando de alegria, a abraçaram e lhe contaram:

— «A tua avó era uma bruxa que cdiou sempre os filhos e a família. Só a ti queria, porque quando fóssees crescida desejava ensinar-te os seus feitiços para seres tão má como ela. A teu pai, quando tu nasceste, transformou-o num lobo e a tua mãe e tuas duas irmãs, em ovelhas que se confundiam com as outras do teu rebanho. Tua mãe era a ovelha que sempre estava junto de ti e a primeira que fez desaparecer, porque foi ela própria que a levou para muito longe, como depois sucedeu às outras duas, que eram tuas irmãs. Por isso te dizia que nunca falasses com o lobo, porque receava que ele te pudesse ensinar o meio de nos desencantares, o que só poderia suceder se a ele te dirigisses, como assim aconteceu».

— «E o que foi feito dela?»

— «Desapareceu. O lençol era um tecido mágico. Quem quer que ele cobrisse, se transformaria em vento. Olha!»

E apontando ao longe o arvoredado que tinha ramos partidos e árvores derrubadas, acrescentaram:

— «Saiu por esta janela transformada em vento mau como má sempre ela tinha sido e por onde passou, derrubou árvores, quebrou ramos, arrancou telhados, destruiu barcos e fez tanto e tanto mal durante a noite, que choram agora cidades e aldeias os estragos que ela ocasionou na sua amaldiçoada passagem. Por fim, sepultou-se no mar».

O homem e as três mulheres que assim falavam, — pai, mãe e as duas irmãs da pastorinha, que o feitiço da velha bruxa tinha transformado em lobo e em ovelhas e que assim voltavam à sua antiga forma — beijaram-na loucamente. Dizem que a pastora, agora de novo no castelo feudal de seus pais, casou mais tarde com um príncipe dum país vizinho.

## Continuação do conto O LAGO DA VIRTUDE

Sofia, a Sempre-Linda, quando tinha treze primaveras, era a mais linda pequena que se encontrava por aquelas aldeias e serranias.

O parque da fonte dos passarinhos era, naquele tempo, visitado por todos os excursionistas que vinham a Portugal e, se passavam pelos lagos grandes e vissem Sofia, era certo que lhe tiravam a fotografia. Pois se ela era tão linda, tão cheia de graça, tão amiguinha dos pastorzitos pequenitos, tão amiga dos animais! Quem não havia de gostar de Sofia e dela querer possuir uma fotografia?

Seu papázinho, o senhor Fernando, era um dos porteiros do Parque da Fonte dos Passarinhos. Vivia alegre da

sua vida, vida consagrada a sua esposa e à linda Sofia, sua filha adorada. Uma vez, um inglês ofereceu ao senhor Fernando um milheiro de postais com o retrato de Sofia a dar de comer ao mais lindo cisne do lago. E quando o senhor Fernando via um grupo de visitantes a contemplar Sofia, logo lhes oferecia um postal com o retrato da filha, dizendo-lhes com muita graça: — «É' minha filha!»

E sabem, meninos?... Sofia mais tarde casou com o tal pastorzito pequenito e, até à sua velhice, foi sempre feliz. Andava assim encostada a um bordão, coitadinha, para não cair, que os anos eram muitos. Mas ainda assim, velhinha, muito velhinha, chamavam-lhe a «Sempre-Linda».

## A D I V I N H A



Este menino está a sonhar com o mestre da sua escola. Vejam se o descobrem no pensamento d'ele.

## A V I S O

Aos coleccionadores do nosso suplemento infantil

JÁ SE ENCONTRAM EM EXECUÇÃO  
AS CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO DO NOSSO SEMANARIO  
ABRANGENDO OS NUMEROS DE

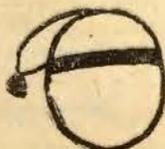
1 A 56

COM QUE FECHA O PRIMEIRO  
VOLUME RELATIVO AO ANO FINDO

CAPA CARTONADA EM PAPEL «COUCHE» COM UMA LINDA  
TRICROMIA E RESPECTIVAS GUARDAS

Pedidos à nossa administração: — Rua do Seculo, 59 — LISBOA

LI  
ÇAO  
DE



DE  
S  
NHO

# COLISEU

P O R P A P I M

— Sabes... ó Zé, ó Nando, ó Tuneca, ó Mimi,  
Ontem o meu papá  
Levou-me ao Coliseu!

— E o que é que viste, ó Quim?! Conta lá conta lá!

— Eu...

Eh... «pazes» nem eu sei contar bem o que vi!

— Se não sabes, inventa!

— Primeiro vem um homem que apresenta  
Um arco, um arco enorme, em forma de tambor  
Inda maior

Que um bumbo,

Sobre uma caixa toda iluminada,

Côr de chumbo,

Sem nada

Dentro dela a não ser as lâmpadas da luz,

Forra o arco a papel;

Ao princípio supuz

Que fôsse tocar nêle!

Mas isso sim!... Depois do tambor estar forrado,

Fica mas é furado

E dos furos, então, começam a surgir

A bandeira francesa,

A de Itália, a de Espanha, a da China, eu sei lá...

De toda a parte, emfim!

— E a nossa, a portuguesa?

— Aparece também; mas essa só no fim.

— E depois... e depois?!

— Depois é que foi bom. O homem dá um tiro:  
... Pum!

Calculem lá, vocês, o que sai do tambor?!

— Talvez algum

Cãozinho,

Um gato, um passarinho,

Um bichano qualquer?!...

— Nada disso! Ai que giro!

— Então não adivinho!

— Eh «pazes» o que sai de lá é uma mulher!

— E depois... e depois?!

— Depois... pum, catapum...

Começam a tocar

E aparece então um

Palhacinho a saltar!

Mas o melhor da festa, isso é que foi bonito,

Aparece, d'hi pouco,

Um cavaleiro à luz

Dum grande, intenso foco,

Manto, górrro, calção, espora, estola...

Segundo ouvi dizer uma espécie de «hussard»

E um chicote aos estalos

Entre trinta cavalos;

Amestrados

— Em alta escola?

— Sim,



— Ena, tanto cavalo!

— Eram trinta. E assim

Que escurecia a sala, como a modos

No campo, à noite, ao luar,

Deitavam-se no chão, ao mesmo tempo, todos!

— Cavalos e homem?

— Não; só os cavalos.

— Ah!

Vou já pedir, também, ao meu papá

Que me leve até lá!

— E se disser que sim,

Se és meu amigo,

Quim,

Convida-me também,

Que eu peço à minha mãe

Que me deixe ir contigo!

— E a mim! — E a mim! — E a mim! — E a mim!...

# PIMPONICES



O campônio «Zé» Maria,  
Levado de mil demónios,  
Em Midões, na romaria,  
A' bordoada varria  
Todos os outros campônios.



Desordeiro duma figa,  
Atrevido e refilão,  
Com todos se punha à briga,  
Por qualquer pé de cantiga  
Ou mais leve discussão.



Alto, forte, de ombros largos,  
A quanto lhe apetecia,  
—(Pois «Zé» Maria era um Argos)  
Nem os mais leves embargos,  
Ninguém opôr se atrevia.



Entretanto, um belo dia,  
Lá na aldeia de Midões,  
Apar'ceu — (ó que folia!) —  
Uma bela companhia  
De saltimbancos anões.



«Zé» Maria refilão,  
De varapáu e jaleco,  
Ao assistir à função,  
Pôs-se a troçar de um anão,  
Tratando-o por badameco!



Mas o anão que de mouco  
Nada tinha e bem ouvia,  
A-pesar-de um palmo e pouco,  
Atirou tamanho sôco  
A' pança do «Zé» Maria,



Que, entre risota geral,  
O deixou estatelado  
Em sentido horizontal,  
Na posição de um mortal  
Prestes a ser enterrado.

Meninos, que esta lição  
Sirva de exemplo frisante;  
Pois de valente a brigão  
Vai um caminho distante:

.....  
É muita vez um anão  
Atira abaixo um gigante!

